



## **O IMPRESSOR E AS ALEGORIAS DOS IMPRESSOS: A OFICINA DE MIGUEL DESLANDES E OS ESCRITOS JESUÍTICOS EM PORTUGAL NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XVII**

**Ane Luíse Silva Mecenass Santos**  
**Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos**  
[anemecenas@gmail.com](mailto:anemecenas@gmail.com)

**RESUMO:** O presente trabalho visa analisar o papel da tipografia Miguel Deslandes para difusão da produção jesuítica em Portugal na segunda metade do século XVII. Através da produção de obras que remetem às experiências missionárias dos jesuítas, se torna possível compreender também como se deu a circulação dos saberes que seus autores sistematizaram e qual era seu potencial público leitor. Por meio da observação da documentação administrativa, buscou-se analisar os interesses que cercavam a publicação de livros nesse período.

**PALAVRAS-CHAVE:** Impressos – Miguel Deslandes – Jesuítas.

## **THE PRINTER AND THE ALLEGORIES OF THE PRINTED: THE OFFICE OF MIGUEL DESLANDES AND THE JESUIT SCRIPTS IN PORTUGAL IN THE SECOND HALF OF THE XVII CENTURY**

**ABSTRACT:** The present work aims to analyze the role typograph of Miguel Deslandes for the diffusion of Jesuit production in Portugal in the second half of the 17th century. By producing works that recall the missionary experience of the Jesuits, it becomes possible to understand how was the circulation of knowledge that their authors systematized and what was your audience potential reader. Through the observation of the administrative documentation, an attempt was made to analyze the interests that surrounded the publication of books in this period.

**KEYWORDS:** Printed - Miguel Deslandes - Jesuits.

No período moderno, manuscritos, impressos e gravuras ganharam cada vez mais espaço. A circulação de relatórios e livros, fomentada pelos Impérios modernos, contribuiu para a “globalização do pensamento” e para a legitimação das conquistas

realizadas.<sup>1</sup> Se, por um lado, a publicação em massa possibilitou a difusão de informações em grandes proporções, por outro, os Estados europeus sentiram a necessidade de fiscalizar o acesso ao conhecimento. Assim como a circulação de informação era imprescindível, também a restrição ao acesso se tornou requisito básico na lógica das monarquias católicas. Com isso, havia a necessidade de fiscalização do que era publicado, realizando-se, desse modo, um filtro nas informações transmitidas.<sup>2</sup>

Escrever e divulgar passaram, portanto, não apenas a atender a uma lógica do mercado tipográfico, mas, também, à necessidade de comunicação às outras nações das conquistas e da abrangência dos espaços incorporados ao Império no Ultramar. Se, por um lado, havia a fiscalização dos indivíduos envolvidos no processo de impressão, dada a proibição de circulação de obras estrangeiras nas terras do Império português. Essa preocupação é apresentada na Bula de 23 de março de 1521, na qual o Papa Leão X manifesta seu temor em relação à divulgação de livros por Lutero na Península Ibérica. Por outro, a administração das tipografias em Portugal, desde o século XVI, se encontrava, no entanto, nas mãos de estrangeiros: “(...) Uma hierarquia das gentes do livro com os estrangeiros no topo foi consequência de uma espécie de dominação externa, onde o acesso privilegiado aos circuitos internacionais por parte dos livreiros estrangeiros se afigurou determinante (...)”.<sup>3</sup>

### **IMPRESSOS JESUÍTICOS PUBLICADOS PUBLICADOS PELA DESLANDES**

Miguel Deslandes, um francês, naturalizado português, e que, em 1687, tornou-se impressor real.<sup>4</sup> Sua nomeação pôs fim à “dinastia dos van Craesbeeck”, família que por sete décadas esteve a frente do cargo de impressor da Coroa. O primeiro deles foi

---

<sup>1</sup> GRUZINSKI, Serge. Babel no século XVI. A mundialização e Globalização das Línguas. In.: THOMAS, Werner; STOLS, Eddy; KANTOR, Iris, FURTADO, Júnia (Org.). **Um mundo sobre papel**. Livros, Gravuras e Impressos Flamengos nos Impérios Português e Espanhol (século XVI-XVIII). Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014, p. 388.

<sup>2</sup> CHARTIER, Roger. **A mão do autor e a mente do editor**. Trad. George Schlesinger. São Paulo: Editora UNESP, 2014, p. 12

<sup>3</sup> CURTO, Diogo Ramada. Para a História dos livreiros e impressores em Portugal. Notas a Propósito da Ofician de Plantin. In.: THOMAS, Werner; STOLS, Eddy; KANTOR, Iris, FURTADO, Júnia (Org.). **Um mundo sobre papel**. Livros, Gravuras e Impressos Flamengos nos Impérios Português e Espanhol (século XVI- XVIII). Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014,p. 156.

<sup>4</sup> CUNHA, Xavier da. **Impressões deslandesianas**: divulgações bibliográficas. Vol. 2. Lisboa: Imprensa Nacional, 1895, p. 156. Ibid., p. 712.

Peter van Craesbeeck, que saiu de Antuérpia, grande centro de produção de livros, e seguiu para Lisboa, onde montou uma tipografia.<sup>5</sup>

Ao longo do século XV, a Antuérpia se tornou um centro econômico no mundo moderno graças ao comércio de artigos que envolviam o mundo das artes. A empresa tipográfica ganhou espaço e foi responsável por um significativo fluxo de capital na região, conforme defende Francine de Nave.<sup>6</sup>

Esses sujeitos, envolvidos na organização e publicação do texto, deixaram suas marcas no processo de edição das obras. Seus hábitos de escrita podem ser observados nas interferências feitas na pontuação, na ordem das frases e até na escolha de letra e na disposição do conteúdo na folha de papel.

Deslandes teve três filhos, sendo que dois deles se formaram em Coimbra e se tornaram cavaleiros professos da Ordem de Cristo. Com a morte de Miguel Deslandes, seu filho Valentim da Costa assumiu o trabalho na tipografia.<sup>7</sup>

Por isso, o presente artigo visa compreender a lógica dos impressos jesuíticos publicados pela tipografia Deslandes, em Portugal, na segunda metade do século XVII. Em virtude, do tamanho do artigo o recorte acerca dos impressos produzidos por padres da Companhia de Jesus, deve-se primeiramente pelo quantitativo de obras publicadas, como também pela facilidade em encontrar esses livros. Dos quais foram impressos nessa tipografia na segunda metade do Seiscentos:

Título da obra	Edição	Ano
1. Sermoens do P. Antonio Vieyra da Companhia de Iesv, prégador de Sua Alteza: segunda parte. Dedicada no panegírico da Rainha Santa ao Sereníssimo Nome da Princesa N.S.D. Isabel. Lisboa, Na Officina de Miguel Deslandes., (v.2)		1682
2. Sermoens do P. Antonio Vieyra da Companhia de Iesv, prégador de Sua Alteza: terceira parte. Lisboa, Na Officina de Miguel Deslandes.s,		1683

<sup>5</sup> CURTO, Diogo Ramada. Para a História dos livreiros e impressores em Portugal. Notas a Propósito da Ofician de Plantin. In.: THOMAS, Werner; STOLS, Eddy; KANTOR, Iris, FURTADO, Júnia (Org.). **Um mundo sobre papel**. Livros, Gravuras e Impressos Flamengos nos Impérios Português e Espanhol (século XVI- XVIII). Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014,p. 155.

<sup>6</sup> NAVE, Francine de. Antuérpia como Centro Tipográfico do Mundo Ibérico (século XVI-XVIII) In.: THOMAS, Werner; STOLS, Eddy; KANTOR, Iris, FURTADO, Júnia ( Org.). **Um mundo sobre papel**. Livros, Gravuras e Impressos Flamengos nos Impérios Português e Espanhol (século XVI-XVIII). Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014. p. 31-56.

<sup>7</sup> CUNHA, Xavier da. **Impressões deslandesianas**: divulgações bibliographicas. Vol. 2. Lisboa: Imprensa Nacional, 1895, p.713.

3.	Sermoens do P. Antonio Vieyra da Companhia de Iesv, prégador de Sua Alteza: quarta parte. Lisboa, Na Officina de Miguel Deslandes.,		1685
4.	Palavra de Deos empenhada; Sermam nas exequias da Rainha N.S. D. Maria Isabel de Saboya, que prégou o P. Antonio Vieyra da Companhia de Jesu, prégador de Sua Magestade, na Misericordia da Bahia, em 11 de Setembro, anno de 1684 - Vaõ emendados nesta impressaõ os erros intoleraveis da primeira: & mais declaradas alg~uas cousas que entaõ se entenderaõ mal: & tambem deixada algua, que ainda agora corria o mesmo risco (S. das Exéquias da Rainha) Lisboa: Na Officina de Miguel Deslandes.		1685
5.	Arte de Crear Bem os Filhos na idade da Puericia. Dedicada Ao Minino de Belem, Iesv Nazareno. Composta Pelo P. Alexandre de Gusman da Companhia de IESV, da Provincia do Brasil. Lisboa. Na Officina de Miguel Deslandes.		1685
6.	Meditaçoes obre a Historia do Sagrado Evangelho para todos os dias do anno. Terceiro, e Quarto Tomo. Lisboa: Na Officina de Miguel Deslandes.		1685
7.	Catecismo Brasilico da Doutrina Christãa, Com o Ceremonial dos Sacramentos, & mais actos Parochiaes, Composto por Padres Doutos da Companhia de Jesus, Aperfeiçoado, & dado à luz pelo Padre Antonio de Araujo da mesma Companhia. Emendado nesta segunda impressaõ pelo P. Bertholameu de leam da mesma Companhia. Lisboa. Na Officina de Miguel Deslandes.	2	1686
8.	Arte de Grammatica da Língua brasilica. Luiz da Figueira. Lisboa: Na Officina de Miguel Deslandes.	2	1687
9.	Sermoens do P. Antonio Vieyra da Companhia de Iesv, prégador de Sua Alteza: Quinta parte. Lisboa, Na Officina de Miguel Deslandes., (v.5)		1689
10.	Meditações para todos os dias da semana, pelo exercicio das três potencias da alma, conforme ensina Santo Ignacio Fundador da Companhia de Jesus: Pelo padre Alexandre de Gusmão, da mesma Companhia. Lisboa, na Officina da Miguel Deslandes.		1689
11.	Sermoens do P. Antonio Vieyra da Companhia de Iesv, prégador de Sua Alteza: Sexta Parte. Lisboa, Na Officina de Miguel Deslandes, (v.6)		1690
12.	Palavra de Deos empenhada, e desempenhada: empenhada no Sermam das exequias da Rainha N. S. Dona Maria Francisca Isabel de Saboya; desempenhada no Sermam de açam de graças/ pelo nascimento do Principe D. Joaõ primoge-/nito de SS. Magestades... Prégou hum, & outro o P. Antonio Vieyra...O primeyro. na Igreja da Misericordia da Bahia, em 11. de Setembro, ... de 1684. O segundo na Cathedral da mesma cidade, em 16. de Dezembro, ... de 1688. Lisboa, na officina de Miguel Deslandes, (v. 13)		1690
13.	Sermoens do P. Antonio Vieyra da Companhia de Iesv,		1692

prégador de Sua Alteza: Septima parte. Lisboa, Na Officina de Miguel Deslandes., (v.7)		
14. Xavier dormindo, e Xavier acordado: dormindo, em tres Orações panegyricas no triudo da sua festa, dedicadas aos tres principes que a Rainha Nossa Senhora confessa dever à intercessão do mesmo santo; acordado em doze Sermoens panegyricos, moraes, & Asceticos, os nove da sua novena, o decimo da sua canonização, o undecimo de seu patrocínio, author o Padre Antonio Vieyra da Companhia de Jesu, prégador de Sua Magestade. Oitava parte. Lisboa, Na Officina de Miguel Deslandes.(v.8)		1694
15. Sermões vários de Advento e dos Santos. Parte 2. Lisboa, Na Oficina de Miguel Deslandes		1684
16. Sermoens do P. Antonio Vieyra da Companhia de Iesv, prégador de Sua Alteza: Undecima parte, offerecida à serenissima Rainha da Grã-Bretanha. Lisboa, Na Officina de Miguel Deslandes.(v. 11)		1696
17. Arte da Lingva de Angola, offerecida a Virgem Nossa N. do Rosario, Mãy, & Senhora dos mesmos pretos, pelo P. Pedro Dias da Companhia de Jesu. Lisboa, Na Officina de Miguel Deslandes.		1697
18. Sermoens do P. Antonio Vieyra da Companhia de Iesv, prégador de Sua Alteza: Parte duodecima dedicada à purissima conceição da Virgem Maria senhora nossa. Lisboa, Na Officina de Miguel Deslandes, (v.12)		1699
19. Catecismo da Doutrina Christãa na Lingua Brasilica da Nação Kiriri. Luiz Vincêncio Mamiani. Lisboa: Na Officina de Miguel Deslandes.		1698
20. Arte de Grammatica da Lingua Brasilica da naçam Kiriri. Luiz Vincêncio Mamiani. Lisboa: Na Officina de Miguel Deslandes.		1699
21. Escola de Bem Morrer aberta a todos os christãos, & particularmente aos moradores da Bahia nos exercícios de piedade, que se praticão nas tardes de todos os Domingos pelos Irmãos da Confraria da Boa Morte. Antonio Maria Bonucci. Lisboa: Na Officina de Miguel Deslandes.		1701

Quadro 1: Livros jesuíticos produzidos pela Officina de Miguel Deslandes<sup>8</sup>

Dado o número significativo de obras escritas por jesuítas publicadas por essa tipografia, pode-se traçar um perfil dos interesses editoriais da ordem. Dos vinte e um livros de autoria de padres Companhia de Jesus, impressos pela Deslandes, num período de dezenove anos, todos eles foram escritos na América portuguesa. Isso reflete duas questões, o propósito ao qual esses livros eram direcionados e a intrínseca contribuição para a cultura letrada da colônia.

Os interesses da Coroa acerca da impressão de livros é perceptível ao consultar a documentação administrativa, das quais destacam-se os alvarás e regimentos. Em

<sup>8</sup> Quadro elaborado pela autora, por meio do levantamento feito na Biblioteca Nacional de Portugal.

1677, foi publicado um regimento no qual o Rei autorizava a publicação de vocabulários e outros escritos que auxiliassem a comunicação com os povos originários do Brasil, principalmente, os que habitavam a região dos “sertões”.<sup>9</sup> Esses instrumentos linguísticos atenderiam a necessidade de formação de alianças, negociações locais como também a conversão.<sup>10</sup> É nesse contexto que é reimpressa a obra de Luis Figueira (1687) e impressas as de Pedro Dias e Luiz Vicêncio Mamiani.

Ainda em 1677, o governo português solicitou o empenho dos missionários na conversão dos índios na América portuguesa. Como já referido anteriormente, os contatos que os índios aldeados mantinham com os portugueses eram constantes, em decorrência das minas de salitre da região, das fazendas de gado nas proximidades e da participação dos índios nas tropas e expedições. As autoridades coloniais acreditavam que o êxito da ocupação e da exploração do sertão se daria através da conversão e do maior conhecimento das línguas e das práticas indígenas:

Da mesma maneira lhe encomendo muitos os Ministros que se ocupam na conversão, e doutrina dos Gentios, para que sejam favorecidos em tudo o que para este efeito for necessário, tendo com elles a conta que é razão, fazendo-lhes fazer bom pagamento nas Ordinarias que tem de minha Fazenda para sua sustenção; porque de todo o bom efeito que nesta matéria houver, me haverei por bem servido com os Portuguezes, é o entende-se a sua língua, dará o Governador Ordem a que se faça dela vocabulário, e se imprima para com maior facilidade se poder aprender, quando não esteja feito, como se ordenou aos Governadores passados.<sup>11</sup>

Um ano depois, as determinações seguiam sendo as mesmas. O interesse na publicação de gramáticas e instrumentos que facilitassem a comunicação e assegurassem a paz com os índios continuava na pauta dos administradores coloniais, como se pode constatar na passagem abaixo, extraída do Regimento de 1678:

Procurará com particular cuidado guardar e conservar paz com o gentio vizinho daquele Estado encaminhando que tenha com os

<sup>9</sup> Regimento que trouxe Roque da Costa Barreto, mestre de campo general do Estado do Brasil. 23 de janeiro de 1677. Correspondências dos Governadores Gerais. Rendimento dado ao Governador Roque Barreto. Vol. VI da série IV. **Documentos Históricos**. 1663-1677. Rio de Janeiro: Augusto Porto, 1928, p. 353-354.

<sup>10</sup> Observa-se nesse período, que após a expulsão holandesa, a distribuição de sesmarias nos limites para além do litoral foram intensificadas. Iniciou-se um novo capítulo da ocupação territorial.

<sup>11</sup> Regimento que trouxe Roque da Costa Barreto, Mestre de campo general do Estado do Brasil. 23 de janeiro de 1677. Correspondências dos Governadores Geraes. Redimento dado ao Governador Roque Barreto Vol. VI da série de IV. **Documentos Históricos**. 1663-1677. Rio de Janeiro: Augusto Porto, 1928, p. 317.

portugueses muita comunicação e castigado a rigor ao mau tratamento que se lhe fizer como também ao gentio que for rebelde e fizer hostilidades mandará o governador proceder contra ele na forma das ordens que estão dadas e proque um dos meios mais convenientes que se pode usar para a conservação da paz com o gentio e o domesticar com os portugueses é o entender-se a sua língua dará o governador ordem a que faça um vocábulo e se imprima para com facilidade se aprender quanto não esteja feito como se ordenou dos governadores.<sup>12</sup>

A produção desses instrumentos linguísticos era, com certeza, fruto de um longo trabalho de sistematização do conhecimento adquirido pelos missionários. Mas à elaboração das gramáticas e vocabulários se sucediam várias outras etapas antes de sua impressão, e que previam a análise de seu conteúdo por pares e censores e sua estruturação por tipógrafos, sobre os quais seus autores não tinham qualquer controle ou ingerência. Isto pode ser comprovado na carta de 24 de Maio de 1678, endereçada a Duarte Ribeiro de Macedo, na qual o padre jesuíta Antônio Vieira, que se encontrava em Lisboa, relata os problemas que ocorreram com a impressão de seus livros na Espanha:



Avisaram-me que aí se mandaram recolher pela Inquisição os livros que se tinham estapado de sermões com nome de meus. E porque esta novidade causou algum susto a quem me fez o aviso, para que V. S.<sup>a</sup> esteja sem cuidado, tenho por sem dúvida que é favor que me fazem, por haver muitos dias que procuro isto mesmo, e, aconselhado do meio com que o podia conseguir, fiz memorial ao Conselho Supremo dêsse Santo Ofício, em que representa que muitos dos ditos sermões eram totalmente alheios e supostos, e os demais mui corruptos e viciados, delatando os mesmos erros para que se pudesse tomar conhecimento da causa.<sup>13</sup>

Os problemas com a impressão de seus livros se tornam o tema preferencial de algumas das cartas que o jesuíta escreveu a Duarte Ribeiro de Macedo, e nelas encontramos expressa também sua preocupação com a circulação de livros com erros e omissões:

Muitos dias há tenho notícia que se bolia dessa banda, por parte de alguns religiosos émulos da Companhia, contra os dois livros que lá se imprimiram em meu nome, sendo grande parte dos sermões totalmente alheios e supostos, e os que na substância eram meus cheios de infinitos erros, e com os discursos ou trocados ou diminuídos ou acrescentados, e finalmente corruptíssimo. E como

<sup>12</sup> Registro do Regimento novo de Sua Alteza que trouxe em sua companhia o mestre de campo general deste Estado a cujo cargo está o governo dele para se guardar no dito Estado. Bahia, 14 de maio de 1678. **Documentos Históricos**. Livro 1.<sup>o</sup> de Regimentos. 1653-1684. Vol. LXXIX. Rio de Janeiro: Tip. Baptista de Souza, 1948.

<sup>13</sup> Carta CXII A Duarte Ribeiro de Macedo de 24 de Maio de 1678, p. 278.

havia quatorze anos que os ditos livros, **sem consentimento meu, antes muito a meu despeito, corriam sem reparo nem objeção**<sup>14</sup>, este zêlo se levantou contra eles depois que eu tive o recurso e privilégio de Roma muito mal aceito a estes ministros, também entendo que as delações, se as houve, foram motivadas desta banda, e que tudo se ordenava a alguma demonstração deprecada, que lá se executasse pois cá não podia ser: esta notícia me excitou a que no mesmo tempo procurasse, o que muito havia desejava, isto é, o remédio da dita impressão, e que os livros ou totalmente se proibissem, ou se tirasse o meu nome dos que o não são, e em qualquer dos casos ou modos se declarasse ser eu o autor desta reforma; e para o dito fim, com conselho de quem me o podia dar como prático desses estilos, fiz o memorial de que dei contra a V. S.a, e agora me asseguram que tudo se comprará com o crédito que se pretendia.<sup>15</sup>

O descontentamento manifestado por Vieira nos permite refletir sobre a intervenção feita por censores e tipógrafos no texto manuscrito e originalmente escrito, bem como em relação às licenças concedidas para impressão e circulação dos impressos no Setecentos. Essa carta também aponta para questões relativas à autoria e para o não consentimento para impressão pelo autor:



Êste é o facto; estas as razões dele, com a siceridade que professo, e com que me costumo confessar com V. S.<sup>a</sup> Assim que não acho inconveniente em V. S.<sup>a</sup> possa manifestar a notícia que tem de eu haver feito o memorial a esse tribunal, e ser o motivo dele o sentimento de ver estampadas em meu nome tantas cousas, que ou por totalmente alheias, ou por corruptas e depravadas, não podia nem devia reconhecer por minhas. E para que também a estes senhores conste minha deligência, para que não atribuam os efeitos às suas, em um segundo prólogo do livro que tem há muitos dias em seu poder, faço queixa das ditas impressões de Madrid, e declaro lhe tenho procurado remédio; e, porquanto até agora o não tenho conseguido, faço lista dos sermões alheios e meus, e destes segundos prometo ir saindo nos tomos seguintes, como já comecei a fazer no primeiro, com os correctos e emendados, e em tudo conforme com seus originais. Já passa de quatro semanas que o dito primeiro tômo está na Inquisição, entegue por S. A. ao Inquisidor Geral, com pacto de o haver de restituir outra vez em sua Real mão, como já dei xonta a V. S.<sup>a</sup> e proque esta dilação não se conforma com a boa vontade, que o mesmo Inquisidor significou a S. A. e a mim, vou entrando em receios que havemos de ter algum pleito<sup>16</sup>

<sup>14</sup> Os livros a que ele se refere haviam sido impressos em Madrid, em 1668, tendo José Fernandes de Buendia como impressor responsável, e foram preparados para reimpressão em 1678.

<sup>15</sup> Carta CXVI A Duarte Ribeiro de Macedo de 21 de Junho de 1678. In: VIEIRA, Antônio, SJ. **Cartas do Padre Antônio Vieira**. Org. João Lúcio de Azevedo. Coimbra, 1928, p. 284-285. (grifos nossos)

<sup>16</sup> Ibid., p. 285 -286.

O conjunto dos sermões de Vieira, tornaram-se uma importante fonte acerca das práticas religiosas, tanto para os estudo acerca da História da religião, visto que trata-se de um grande conjunto documental, moldado ao longo dos anos, para diferentes públicos e que atendiam também a distintas intenções, produzidos por um mesmo indivíduo. Sua análise permite ao leitor compreender as transformações na escrita, a inserção de outras informações e as leituras feitas por esse padre durante sua vida. Com suas falas proferidas no Maranhão, em Lisboa como em Roma. Permitem também uma análise da construção linguística, barroca do século XVII. Vieira, esse sujeito inconstante, o qual representou múltiplos papéis.

Da mesma forma que os escritos possibilitam uma compreensão do sujeito que o produziu as sua produção, conta com outra particularidade, faz parte de um conjunto tipográfico. E sendo assim, podem ser analisados no conjunto de sua obra.

Convém ressaltar que no caso dos sertões a sua produção não se restringe a circulação do impresso para atender as necessidades da América portuguesa. Visavam a contribuir com a difusão desses escritos na metrópole, como na própria dinâmica do Império luso. Do total elencado, doze foram sermões e todos de autoria do padre Antônio Vieira (CUNHA, 1895).

<b>Tipo de impressos</b>	<b>Quantidade</b>
<b>Sermões</b>	12
<b>Exercícios de meditações</b>	4
<b>Gramáticas</b>	3
<b>Catecismos</b>	2

Quadro 2: Tipologias dos impressos jesuíticos

Cinco livros versam sobre o conhecimento linguístico produzido a partir da consciência da necessidade de dominar as línguas para efetivar a catequese dos indígenas. São três *Artes de Língua* (Geral, Kiriri e Angola) e dois *Catecismos*. Com base no quadro 2, no período de 1682 a 1701, apenas duas obras tiveram reimpressões, por sua inegável contribuição para o entendimento da língua falada na costa do Brasil. Nos anos de 1686 e 1687, voltaram a publicar o *Catecismo Brasílico da Doutrina Cristã* do padre Antônio Araújo, com alterações propostas pelo padre Bartolomeu de Leam e a *Arte de Gramática de Língua Brasílica*, de Luiz de Figueira.

Outras três obras, publicadas por jesuítas que viviam no colégio da Bahia, tratavam de um roteiro de práticas diárias para o bom fiel, dos quais dois são de autoria

do padre Alexandre de Gusmão: a *Arte de Criar Bem os Filhos na idade da Puericia e as Meditações para todos os dias da semana*. Já a terceira obra, *Escola de Bem Morrer*, é de Antônio Maria Bonucci, jesuíta italiano que assim como Mamiani também catequizou os índios Kiriri.

### **ALEGORIAS DOS IMPRESSOS JESUÍTICOS VOLTADO PARA OS KIRIRI**

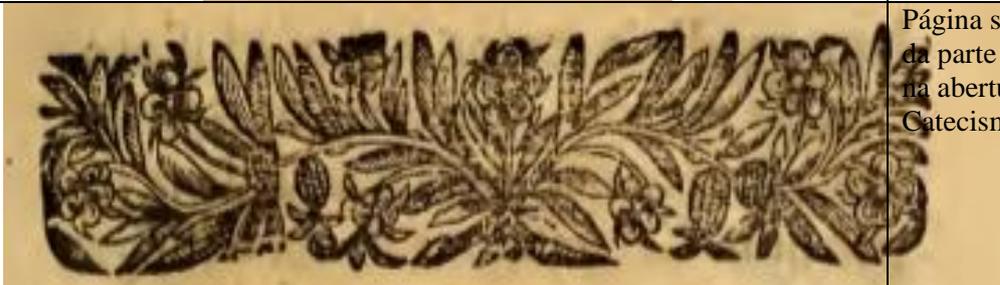
Quanto às obras publicadas pela Oficina Deslandes, observa-se, primeiramente, páginas em branco e sem numeração, às quais se seguem os elementos pré-textuais, que também não recebem numeração e que antecedem o texto com páginas numeradas. Os elementos pré-textuais são: a apresentação, texto no qual o autor faz algumas observações em relação ao texto, as licenças da Ordem, as licenças de impressão (do Paço, do Santo Ofício e do Ordinário). Em seguida, encontra-se o índice ou o sumário da obra. Mas há uma exceção na aplicação desse padrão nos Catecismos impressos na referida tipografia, visto que eles não apresentam a estrutura do texto na forma de sumário em nenhuma parte do livro.

A marca da tipografia é observada na formatação do texto, nos adornos, nas capas e no interior da obra. Era comum nas obras editadas por Miguel Deslandes a utilização de gravuras em cobre, de vinhetas e floreados<sup>17</sup>. No caso do *Catecismo* de Mamiani, estão presentes três tipos de floreados, localizados na abertura das partes estruturais do texto: na capa, nas advertências ao leitor, na abertura do Catecismo, ao final da primeira e da segunda parte.

Na capa, encontra-se uma rosa e, dentro dela, foi inserido o monograma da Companhia de Jesus. Nas Advertências ao leitor há um entrelaçamento de folhagens no topo da página. Folhas e flores aparecem na abertura do Catecismo, também na parte superior da folha. O jarro com flores se repete, podendo ser encontrado ao final da primeira e da segunda parte, como pode ser observado no quadro 3:

---

<sup>17</sup> CUNHA, Xavier da. **Impressões deslandesianas**: divulgações bibliográficas. Vol. 2. Lisboa: Imprensa Nacional, 1895, p. 652.

Floreados		Localização no interior da obra
		Capa do Catecismo
		Página superior da parte Leitor e na abertura do Catecismo.
		Final da primeira e da segunda parte do Catecismo.

Quadro 3 – Floreados presentes no catecismo<sup>18</sup>

Na Gramática, há dois elementos decorativos que são repetidos, como fica evidenciado no quadro 3, o entabalhamento fitomórfico, apresentado na abertura do texto dedicado ao leitor, e a rosa com o monograma da Companhia de Jesus. Se, no *Catecismo*, ela é utilizada para a capa da obra, na *Gramática* serve como alegoria para seu final. Ao constatarmos a adoção de recursos decorativos semelhantes pelo tipógrafo, percebe-se a ideia de continuidade dos livros, como se fizessem parte de uma mesma coleção. Outro elemento que denota a continuidade do *Catecismo* para a *Gramática*, é a

<sup>18</sup> Quadro elaborado pela autora realizado por meio da sistematização das alegorias do catecismo.

ausência de elemento decorativo. Chama também a atenção, o fato de que na *Gramática* o monograma da Companhia de Jesus ser representado dentro de uma flor de girassol. Bluteau nos traz a observação feita pelo padre Pomey SJ. sobre o girassol: “flor, a que o giro do Sol deo nome, porque o segue em roda, e sempre a companha o seu curso, a inicia quando se esconde & se cobre de nuves”.<sup>19</sup>

Floreados	Localizaçã o dentro da Gramática
	Capa da Gramática
	Ao leitor.
	

<sup>19</sup> BLUTEAU, Raphael. **Vocabulario portuguez & latino: aulico, anatomico, architectonico.** Vol. 4. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 1712 – 1728, p.77.

	No final da primeira parte. Página 49
	No encerramento do livro p. 124

Quadro 4 – Floreados da gramática<sup>20</sup>

Na parte superior da página de abertura do texto há um ornamento fitomórfico, com dois pelicanos nas laterais e um pelicano alado ao centro, conforme a figura nº 1. Vale lembrar que o pelicano evoca a ideia de sacrifício,<sup>21</sup> sendo também o símbolo do

<sup>20</sup> Quadro elaborado pela autora por meio da sistematização das alegorias presentes na Arte do padre Mamiani.

<sup>21</sup> Na Bíblia, no Salmo 102, “A doença encurta a vida” no momento em que se descre o sofrimento corporal, o estado grave de saúde e a solidão interior é apresentada a alegoria do pelicano:

“(…) Porque os meus dias se consomem em fumaça,  
e meus ossos queimam como braseiro.  
Pisando como relva, meu coração está secando,  
E eu me esqueço até mesmo de comer o meu pão.  
Por causa da violência do meu grito,  
Os ossos já se grudam à minha pele.

Papado. O pelicano desaparecia no verão e renascia no inverno, promovendo as analogias com a fênix e a ressurreição, e, também, o amor materno, já que a ave alimenta seus filhotes com o próprio sangue, ao dilacerar o seu peito.



Figura 1: Alegoria dos pelicanos. In: *Arte de Grammatica da Lingua Brasilica da naçam Kiriri*. Lisboa: Officina Miguel Deslandes, 1699. p. 1

Na alegoria da *Gramática*, os pelicanos estão sem os filhotes, cercados por folhagens e flores. Não foi possível, no entanto, fazer a distinção das plantas utilizadas para compor o cenário, mas reconhecemos que o conhecimento das plantas poderia nos auxiliar a desvendar as virtudes e valores que usualmente são a elas associadas em alegorias pictóricas. Um elemento, contudo, se destaca nas três alegorias, as chagas do peito, tanto no pelicano alado como nos dois que carregam algo em sua boca, evidenciando o simbolismo do martírio de Cristo, como proposto por Tomás de Aquino, no ofício de Corpus Christi:<sup>22</sup>

Pie pellicáne Jésu Domine,  
Me immundum munda túo ságuine,  
Cújus una stílla sálvum fácere  
Tótum múndum quit ab ómni scélere.<sup>23</sup>

---

Estou como o pelicano do deserto,  
Como o mocho das ruínas.  
Fico desperto, gemendo,  
Como ave solitária no telhado. (...)"

<sup>22</sup> Adoro Te Devote.

<sup>23</sup> Senhor Jesus, bondoso pelicano,  
Lava-me, eu que sou imundo, em teu sangue  
Pois que uma única gota faz salvar  
Todo o mundo e apagar todo pecado.

O pelicano também foi utilizado como alegoria de governo pelo rei Dom João II. Segundo Bluteau<sup>24</sup>, o amor incondicional associado à ave é adotado para demonstrar o amor e o sacrifício do rei pelo seu povo.<sup>25</sup> A concepção simbólica da referida ave se faz presente no imaginário português e não seria, nesta compreensão, inserida como elemento puramente decorativo ou para deleite do leitor, mesmo porque há um padrão nas alegorias utilizadas pela tipografia.

A primeira repetição é encontrada na alegoria do pelicano, a cabeça decorativa marca o frontispício do texto propriamente dito, também utilizada na *Arte da Língua de Angola*. No caso das vinhetas de remate utilizadas como pausas na escrita, elas servem para indicar ao leitor a estrutura do texto. Para isso, são adotados padrões conforme o sumário do texto, repetindo os elementos de adorno com base na lógica textual. Assim, têm-se vinhetas iguais para as cantigas, para as licenças da ordem e na distribuição das partes e nos capítulos. Essa lógica de pausa, com base nas vinhetas, era comum nas publicações da tipografia Deslandes. Além das vinhetas de remate era também comum o reverso branco entre pausas estruturais do texto. Não foi o caso das obras analisadas, mas constatou-se a inserção de iniciais floreadas. No tocante à repetição de elementos decorativos dentro dos livros, constatou-se ser comum nas vinhetas das licenças.

Dada a presença destes elementos que se repetem, as obras de Mamiani se apresentam como um conjunto, sendo, portanto, duas obras que se complementam. E o impressor fez com que visualmente isso fosse identificado, visto que os elementos decorativos que compõem o texto são os mesmos, o que não se observa em outras publicadas pela Deslandes. Pode-se dizer que reside nestes elementos a “marca”, a influência do tipógrafo, nas duas obras.

A fim de realizar um exercício comparativo entre os elementos gráficos e decorativos utilizados nas duas obras, consultamos as suas primeiras edições. Observamos que na segunda edição da Gramática de 1877, mesmo seguindo a

---

<sup>24</sup> BLUTEAU, Raphael. **Vocabulário português & latino: aulico, anatomico, architectonico**. Vol. 4. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 1712 – 1728, p. 378-380.

<sup>25</sup> SILVA, Priscila Aquino. *Imagens do Poder: análise do Pelicano, a empresa régia de D. Leonor e D. João II. (Portugal, século XV)*. In: *Anais XIII Encontro de História da Anpuh-Rio*. Rio de Janeiro. 2009. Disponível em [http://www.encontro2008.rj.anpuh.org/resources/content/anais/1212777402\\_ARQUIVO\\_PaperANPUHImagensdoPoder.pdf](http://www.encontro2008.rj.anpuh.org/resources/content/anais/1212777402_ARQUIVO_PaperANPUHImagensdoPoder.pdf) Consultado em 10 de fevereiro de 2016.

disposição por página, é totalmente diferente e segue a lógica do século XIX, sem nenhum ornamento nas páginas. As marcas do tipografo desaparecem, e a lógica de impressão do século XVII se impõe. São mantidos os reversos em branco e também as letras da capa, mas sem o monograma da Companhia.

Essa continuidade dos textos é observada na lógica da impressão e no elemento decorativo da capa. A capa do *Catecismo* tem letras de destaque arredondadas que se alternam de tamanho, sendo dado maior destaque à palavra “Christã”. Os espaços entre as palavras, entre as letras e a disposição delas no papel asseguram a fluidez da leitura do título pelo leitor. As informações sobre o lugar de impressão, a tipografia e as licenças constam na capa. Nela, ainda encontra-se o monograma da Companhia, inserido dentro de uma rosa. Esse mesmo elemento iconográfico se faz presente na última página da *Gramática*.



Figura 2: Capa da primeira edição do *Catecismo da Doutrina Christã na Língua Brasileira da Nação Kiriri*. Lisboa: Oficina Miguel Deslandes, 1698.

Já na capa do *Catecismo*, o monograma da Companhia é apresentado dentro de uma rosa. Ela é comumente utilizada como alegoria da perfeição. O monograma representa o nome de Jesus escrito numa forma grega abreviada, em latim *Jesus Hominum Salvatori* (Jesus, Salvador dos Homens). O I.H.S. foi popularizado pela primeira vez por São Bernardino de Siena, no começo do século XVI e, posteriormente, adotado pelos jesuítas. Na capa da *Gramática*, no lugar da rosa é utilizado um girassol.



Figura 3: Capa da primeira edição da *Arte de Grammatica da Lingua Brasilica da Naçam Kiriri*. Lisboa: Oficina Miguel Deslandes, 1699.

Como procuramos demonstrar, em ambas as obras, os elementos decorativos dão unidade às obras. Nelas, estão presentes as marcas e influências do tipógrafo, como por exemplo, na escolha dos tipos de letras e de seu tamanho, evidenciando as tendências dos impressos. Dessa forma, o que pode parecer um simples trabalho técnico nos aproxima também dos gostos dos leitores do século XVII.

Instalados na corte do Império português, homens como os tipógrafos, os censores e os livreiros se fizeram presentes, ao longo do século XVII, no processo de

impressão e de divulgação de obras, tanto na elaboração das normativas para publicação, quanto na sua aplicação e na chancela real ou eclesiástica. E vale a pena lembrar que, no século XVII, o termo *publicação* era empregado, de acordo com Bluteau, com o significado de cópia autenticada pelos setores legais do sistema.

**RECEBIDO EM: 07/05/2017**

**PARECER DADO EM: 13/10/2017**



[www.revistafenix.pro.br](http://www.revistafenix.pro.br)